

TOPONÍMIA EM LIBRAS: A CRIAÇÃO DE NOVOS SINAIS DE LIBRAS REFERENTES AOS BAIRROS DE PETRÓPOLIS

TOPONYMY IN LIBRAS: THE CREATION OF NEW SIGNS OF LIBRAS REFERRING TO THE NEIGHBORHOODS OF PETRÓPOLIS

Luciane Cruz Silveira¹

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Resumo: A Libras como meio de comunicação dos surdos, reconhecida pela Lei 10.436/02, vem sendo cada vez mais utilizada na sociedade, assim a produção de topônimos que possam ser usados na interação entre os surdos, bem com ouvintes que transitam junto à comunidade surda, faz-se necessária para viabilizar a comunicação nos ambientes frequentados pelos surdos. O presente trabalho, que analisa 22 topônimos da cidade de Petrópolis, RJ, visa demonstrar como as relações de surdos jovens e adultos, incluído os da terceira idade, podem culminar com a criação de topônimos na Libras, respeitando a estrutura gramatical da mesma, a partir de palavras frequentemente utilizadas para nomear os bairros da cidade. A falta de sinais específicos pode levar ao uso excessivo da datilologia, o que, muitas vezes, leva a uma barreira para a comunicação efetiva, pois alguns surdos, principalmente os mais velhos, e muitos ouvintes têm dificuldade de compreender o que está sendo sinalizado. E mesmo entre as crianças surdas, muitas desconhecem o endereço de sua casa, escola, avós, por não terem acesso aos sinais próprios dos bairros por onde transitam. A análise toponímica dos sinais de 22 bairros de Petrópolis, certamente, levará a melhor compreensão de sua historicidade e relação cultural com seus usuários.

Palavras chave: Libras, topônimos, criação de sinais, bairros, Petrópolis.

Abstract: Libras as a means of communication for the deaf, recognized by Law 10.436/02, has been increasingly used in society, as well as the production of toponyms that can be used in the interaction between deaf people, as well as with listeners who pass through the deaf community, it is necessary to enable communication in environments frequented by the deaf. The present work, which analyzes 22 toponyms in the city of Petrópolis, RJ, aims to demonstrate how the relationships of young and adult deaf people, including elderly people, can culminate in the creation of toponyms in Libras, respecting its grammatical structure, from of words frequently used to name the city's neighborhoods. The lack of specific signs can lead to excessive use of touch typing, which often leads to a barrier to effective communication, as some deaf people, especially older people, and many hearing people have difficulty understanding what is being signaled. And even among deaf children, many do not know the address of their home, school, grandparents, because they do not have access to the signs of the neighborhoods they pass through. The toponymic analysis of the signs of 22 neighborhoods in Petrópolis will certainly lead to a better understanding of their historicity and cultural relationship with their users.

Keywords: Libras, toponyms, creation of signs, neighborhoods, Petrópolis.

¹ Doutoranda em Linguística na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Professora de Libras do Departamento de Ensino Superior do Instituto Nacional de Educação de Surdos (DESU/INES). E-mail: lucianecruz72@hotmail.com

Submetido em 10 de junho de 2021.

Aprovado em 12 de abril de 2022.

Introdução

A Libras foi reconhecida como língua oficial a partir da Lei 10.436/02 e regulamentada pelo Decreto 5.626/05, e vem ganhando forças no espaço acadêmico e social a partir, principalmente, da abordagem bilíngue. Esta abordagem possui como base a premissa de que o surdo deve ser alfabetizado a partir da sua língua materna – a Libras – e ter a língua escrita do país a que pertence como sua segunda língua. Para Capovilla e Raphael (2001, p. 1486), “tais habilidades incluem compreender e sinalizar fluentemente em sua língua de sinais, e ler e escrever fluentemente no idioma do país ou cultura em que ele vive”, favorecendo assim, a criação de uma identidade surda e de uma cultura surda.

O diagnóstico precoce constitui-se importante auxílio para aquisição da língua materna, desde a idade mais tenra. Ter a Libras na família e na escola, por meio de professores bilíngues, é um facilitador para a aquisição da língua pela criança. De acordo com Quadros (1997):

(...) dessa forma, criar um ambiente linguístico apropriado, observando a condição física das pessoas surdas significa oportunizar o acesso à Língua de Sinais – única língua adquirida de forma espontânea sem intervenção sistemática e formal. Esse ambiente implica a presença de pessoas que dominem a Língua de Sinais (...), preferencialmente pessoas surdas adultas que possam assegurar o desenvolvimento socioemocional íntegro da criança e a formação de sua personalidade mediante uma identificação com esses adultos. (QUADROS, 1997, p. 107).

Como acontece com a Língua Portuguesa, desfrutar de um ambiente linguístico trará além da fluência, um maior desenvolvimento socioemocional. É através da convivência com a comunidade surda que a criança surda vai adquirir, além do vocabulário geral da Libras, os regionalismos e sinais próprios da sua região.

A Libras tem características próprias das línguas visuais, tendo pouca relação com a Língua Portuguesa, apresentando as marcas da nacionalidade bem como dos regionalismos. É a comunidade surda que produz os sinais regionais usados pela

comunidade onde está inserida, sinais como logradouros, ruas e praças, por exemplo, bem como os sinais dos bairros e demais topônimos.

Por desconhecerem os sinais próprios, muitas vezes, as pessoas fazem uso da datilologia². Porém, em sua maioria, tanto surdos como ouvintes têm dificuldade de entender a palavra quando soletrada, cuja compreensão esta, muitas vezes, ligada ao conhecimento do português. Como estratégia, recorrentemente, são criados sinais provisórios adaptados do português e que, depois de algum tempo, são adotados como permanentes ou então modificados para depois serem adotados. Faulstich (2014) os classifica como “sinal-termo”, que no presente caso estão relacionados com o espaço geográfico. Assim, para criar um sinal, o surdo observa o local e a partir dessa observação desenvolve o sinal, que pode estar ligado a aclives ou declives, fenômenos da natureza, história ou acontecimentos, acidentes geográficos e até intervenções humanas.

A criação de sinais, sempre por um surdo, nunca por ouvintes, pois não tem competência para isso, deve obedecer algumas regras, sendo a principal, os cinco parâmetros da Libras, respeito às regras gramaticais, além da verificação se o mesmo é de fácil compreensão pelos surdos e se o sinal já possui algum significado. Sempre é bom contar com o auxílio de surdos que conheçam bem a Libras e, preferencialmente, tenham conhecimento de Linguística. Porém, a validação do sinal ocorrerá por meio do uso que a comunidade surda fará; muitas vezes, esse pode ser um processo demorado.

Como assinalamos anteriormente, a competência da criação de sinais é da pessoa surda, por ser a língua de sinais sua língua materna. Wrigley (1996 *apud* HESSEL, 2006, p. 65) “nos traz a ideia de que os educadores e linguistas ouvintes forcem ‘construções artificiais de vocabulário’ da língua de sinais para que os surdos se adaptem a uma padronização baseada numa gramática da língua oral”. A ruptura destas construções artificiais está na criação dos cursos de Letras/LIBRAS, em que os linguistas surdos se formam trazendo mudanças e reflexões sobre a criação de sinais, como também recriação de outros.

² A datilologia: quando um vocábulo não tem um sinal próprio a pessoa sinaliza usando as letras do alfabeto datilológico, escrevendo a palavra em Libras. Também usado para expressar endereços e nomes.

Esse sujeito surdo bicultural, que possui mais de uma cultura (a cultura surda a qual faz parte e a cultura ouvinte a qual está em contato diário), está mais capacitado à produção de modo que haja adequação linguística, promovendo a expansão lexical da Língua de Sinais.

A datilologia pode parecer uma estratégia aceitável para a nomeação de bairros e demais localidades, mas, em especial, nos casos de nomes muito longos ou com palavras as quais as pessoas não têm familiaridade é de difícil compreensão, demonstrando a imensa necessidade de criação de sinais para suprir a lacuna existente.

Os estudos referentes à toponímia dos sinais em Libras auxiliam a compreensão do ambiente cultural e linguístico encontrados na onomástica³, bem como seu registro contribui para o arquivo histórico da ampliação/expansão lexical da Língua de Sinais dentro da comunidade surda petropolitana. Para tanto, essa pesquisa lança mão das categorias toponímicas de Dick (1990). Assim, vale destacar que a criação de sinais guarda uma relação íntima entre a língua, o léxico e a cultura.

O objetivo desse trabalho é investigar, através da coleta de dados, se os sinais utilizados pela comunidade surda referentes aos logradouros de Petrópolis têm pertinência ou não.

1. Petrópolis, uma breve história

A história de Petrópolis se entremistura com a história do período imperial do Brasil. Quando de viagem pela Serra dos Órgãos, RJ, D. Pedro I hospedava-se na fazenda que pertencia ao Padre Corrêas. Gostava muito do clima e do ar puro e após a morte do padre intencionou comprar a fazenda, porém a irmã do padre, dona Arcângela, recusou-se a vendê-la. Assim, o então imperador adquiriu outra propriedade na região, a Fazenda do Córrego Seco. Pouco tempo depois, D. Pedro I abdicou do trono e partiu para assumir o trono, em Portugal, deixando seu filho D. Pedro II, ainda menino, em seu lugar.

³ Vale lembrar que onomástica é o estudo dos nomes próprios, dividida em toponímia, referente ao ambiente geográfico, e antroponímia, relativa ao nome das pessoas e suas famílias.

Pelo Decreto Imperial 155, de 16 de março de 1843, D. Pedro II autorizou o Plano do mordomo mor, Paulo Barbosa da Silva, a arrendar as terras para o engenheiro alemão Julio Frederico Koeller, que dividiu a propriedade em lotes, tendo separado um terreno para a construção do palácio e doado os terrenos da Catedral em honra a São Pedro de Alcântara e para o cemitério. Assim, surge Petrópolis.⁴

A colonização por imigrantes europeus foi marcante, em especial alemães, franceses, italianos e portugueses. Nessa configuração por entre línguas, os nomes dos bairros de Petrópolis são um misto de nomes indígenas, que habitavam a região (como *Itamarati* e *Itaipava*), alemão (como *Mosela*, em homenagem ao Rio Mosel, na Alemanha) e francês (como *Cremerie*, onde foi fundada uma fábrica de queijos e manteiga).

Podemos destacar ainda algumas curiosidades. Em Petrópolis, em consequência da grande colônia alemã, foi fundada a Cervejaria Bohemia. Já o nome do Bairro Cremerie se originou da fábrica de laticínios, *cremèrie* em francês, fundada naquela região. Foi em Petrópolis que se deu o início da Escola Dominical no Brasil, estudo bíblico praticado pelas igrejas protestantes em todo o mundo.

Hoje o Centro Histórico de Petrópolis está tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico Artístico Nacional (IPHAN), não podendo ser alterado.

2. Língua de Sinais na história

As pesquisas em Linguística sobre uma língua de sinais iniciaram-se na década de 1960. Nos Estados Unidos, o Linguista Willian Stokoe, percebeu que a ASL, American Sigh Language, usada pelos surdos daquela localidade tratava-se de uma língua organizada, com regras gramaticais e sintaxe próprias, e não apenas gestos ou mímica. Porém, no Brasil, até a década de 1980, os surdos eram proibidos de expressar-se na Língua de Sinais. E mesmo com a proibição de seu uso feita pelos adeptos ao oralismo, o uso marginalizado de comunicação através de sinais não foi abolido.

⁴ De acordo com Machado (2003), em seu *Dicionário Onomástico Etimológico da Língua Portuguesa*, o nome da cidade é formado a partir do radical *Petro-*, por Pedro, nome dos dois imperadores brasileiros.

Certamente, a pesquisa do linguista William Stokoe sobre a American Sign Language (ASL) foi um marco para o desenvolvimento de pesquisas sobre outras línguas de sinais. Para Lacerda (1998):

(a) primeira caracterização de uma língua de sinais usada entre pessoas surdas se encontra nos escritos de L'Épée. Muito tempo passou até que o interesse pelo estudo das línguas de sinais de um ponto de vista linguístico fosse despertado novamente, o que ocorreu com os estudos de William Stokoe em 1978. (LACERDA, 1998, p. 75).

Em sua empreitada de descrição das estruturas linguísticas da ASL, como afirma Lacerda (1998):

Stokoe propôs também em sua análise que um sinal pode ser decomposto em três parâmetros básicos: O lugar no espaço onde as mãos se movem, a configuração da(s) mão(s) ao realizar o sinal e o movimento da(s) mão(s) ao realizar o sinal, sendo estes então os “traços distintivos” dos sinais. Esses estudos iniciais e outros que vieram após o pioneiro trabalho de Stokoe revelaram que as línguas de sinais eram verdadeiras línguas, preenchendo em grande parte os requisitos que a linguística de então colocava para as línguas orais. (LACERDA, 1998, p.75)

Foi Stokoe e sua apresentação da ASL que possibilitaram uma avalanche de estudos sobre as línguas de sinais, tendo a linguística importância relevante na inclusão da surdez nos estudos das ciências sociais. Afinal, como já apontado, nos séculos XVIII e XIX, existia uma visão humanista da surdez, mas após esse período, ela foi ligada ao discurso médico, como uma patologia passível de cura. A educação de surdos adotou o oralismo, educação especial, e o discurso médico prevaleceu, fazendo com que essa questão fosse abandonada pelas ciências sociais.

Vemos um grande avanço nas descrições das línguas de sinais, depois de Stokoe, tanto externa, em extensão geográfica, quanto internamente, ampliando seus domínios no interior da própria linguística. Esse movimento em prol às descrições linguísticas de línguas de sinais também pode ser observado no nosso país.

Os estudos sobre a língua de sinais usada pela comunidade surda brasileira surgiram a partir de estudos da linguista Lucinda Ferreira Brito, na década de 1980, que analisou aspectos gramaticais da Língua de Sinais. Era denominada “língua de sinais

dos centros urbanos brasileiros (LSCB)” (BRITO, 1986). Apesar dos trabalhos de Brito, realizados à época, usarem a designação LSCB, Segundo Campello (CAMPELLO; PRATES; ABREU, 2018), em 1987, a Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos (FENEIS)⁵ promoveu uma reunião, composta de comissão com dois surdos com formação superior e uma diretora ouvinte, que mudou o nome para Libras, denominação usada até hoje. A maioria surda aceitou a sugestão da diretora ouvinte, optando por Libras por causa de sua sonoridade, indicando-a como escolha da liderança surda. Seguiram-se estudos de Tanya Felipe, sobre classes de verbos em Libras, Lodenir Karnopp, sobre a aquisição de um dos parâmetros fonológicos e Ronice Quadros, sobre a estrutura sintática da Libras. (LEITE; QUADROS, 2014).

Libras é a abreviação de Língua Brasileira de Sinais e não Linguagem Brasileira de Sinais, como muitos confundem. Linguagem é uma forma de comunicação que não exige estrutura gramatical e semântica, como as pinturas, a dança, o choro de um bebê, ruídos produzidos por animais e olhares entre as pessoas. A Libras tem sua estrutura própria tanto gramatical, quanto semântica assim como a Língua Portuguesa, possuindo cinco parâmetros: Configuração de Mãos (CM), Ponto de Articulação (PA), Orientação (O), Movimento (MO) e Expressão Facial e Corporal (EFC) (GESSER, 2009).

Segundo o Instituto Nacional de Educação de Surdos (2015)⁶ existem 79 configurações de mãos, como mostra a figura 1:

⁵ A Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos (FENEIS) é uma entidade filantrópica, sem fins lucrativos, que tem por finalidade a defesa de políticas linguísticas, educação, cultura, saúde e assistência social, em favor da comunidade surda brasileira, bem como a defesa de seus direitos. Fonte: <https://feneis.org.br> Acesso em: 06 abr 2020.

⁶ Site: https://www.ines.gov.br/dicionario-de-libras/main_site/libras.htm

Figura 1: Configuração das mãos



Fonte: Instituto Nacional de Educação de Surdos, 2015.

A língua materna das comunidades surdas é a língua de sinais. Conforme afirma Strobel (2008):

A língua de sinais é uma das principais marcas da identidade de um povo surdo, pois é uma das peculiaridades da cultura surda, é uma forma de comunicação que capta as experiências visuais dos sujeitos surdos, sendo que é esta a língua que vai levar o surdo a transmitir e proporcionar-lhe a aquisição de conhecimento universal. (STROBEL, 2008, p. 44)

O conceito de língua materna é “*uma língua, adquirida de forma natural pelo falante*” (BERNARDINO, 2000). Por exemplo, para a maioria dos brasileiros ouvintes que residem nos centros urbanos, a aquisição da Língua Portuguesa se dá de forma espontânea através da audição e assim, quando entram na escola, já fazem como uma língua materna e são trabalhados a partir dela. No caso dos surdos, o cenário é diferente. A escola acaba por representar um *locus* para a aquisição. Silveira (2006) esclarece que:

É certo que a introdução da disciplina Língua de Sinais, nas escolas para surdos, é muito importante, pois a Língua de Sinais é uma marca de identidade dos surdos e um meio para desenvolver seu pensamento e seu conhecimento de mundo. (SILVEIRA, 2006, p. 26).

Uma das precursoras nos estudos sobre a linguística da Libras, Lucinda Ferreira Brito (1986) explicita a importância dessa língua para o sujeito surdo:

As línguas gestuais-visuais são a única modalidade de língua que permite aos surdos desenvolver plenamente seu potencial linguístico e, portanto, seu potencial cognitivo, oferecendo-lhes, por isso mesmo, possibilidade de libertação do real concreto e de socialização que não apresentaria defasagem em relação àquela dos ouvintes. São o meio mais eficiente de integração social do surdo. (BRITO, 1986, p. 21).

Esta língua deve ser difundida dentro das classes regulares (turmas de ouvintes com a inclusão de alunos surdos, desde a educação infantil até o doutorado) e apreendida não só pela população surda, mas pelos ouvintes que se transformarão em sujeitos bilíngues.

Outra característica da Libras que prova ser esta uma língua, são os níveis linguísticos que possui: o fonológico, o morfológico, o sintático, o semântico e o pragmático. Nas línguas orais, existe outro nível chamado fonético, que na língua de sinais é substituído pelo nível quirológico, mas iremos nos ater, neste artigo, alguns aspectos da morfologia flexional, principalmente, no que se refere a criação de sinais. Esses níveis permitem que a língua de sinais transmita ideias, ações e sentimentos. (QUADROS, 1997).

O surgimento de um sinal, seja qual for a sua finalidade, no presente caso o de logradouros de Petrópolis, deve obedecer às regras morfológicas, especificamente, de expansão lexical da Libras. Ademais, após a proposta de sua criação dos sinais, deve ter sua pertinência avaliada por pessoas que conhecem a língua, bem como ser usado pela comunidade. Não se trata de produção autônoma ou aleatória.

3. A criação dos sinais-termo e registro dos sinais

A utilização da noção “sinal-termo” se dá por se tratar de área específica, ou seja, os bairros de Petrópolis. Segundo Faulstich (2014), a palavra sinal não é a melhor opção para essas necessidades de uso.

Para melhor compreender a criação desse termo novo, é preciso ver os significados de sinal e sinal-termo separadamente: como aparecem no glossário sistêmico de léxico terminológico, em elaboração, transcrito a seguir:

Sinal.

1. Sistema de relações que constitui de modo organizado as línguas de sinais.
2. Propriedades linguísticas das línguas dos Surdos.

Nota: a forma plural Sinais - é a que aparece na composição língua de sinais.

Termo.

1. Palavra simples, palavra composta, símbolo ou fórmula que designam os conceitos de áreas especializadas do conhecimento e do saber. Também chamado unidade terminológica. (FAULSTICH, 2014, p.4).

Até o presente momento, Petrópolis não dispõe de um glossário de sinais próprios, o que seria de grande valor, pois:

O vocabulário é ampliado ou enriquecido à medida que o falante aumenta sua convivência sociocultural, lê obras diversificadas e procura indagar metodicamente o significado de palavras desconhecidas. Nesse caso, o dicionário é um importante documento de consulta, que auxilia o usuário a compreender os significados das palavras e a aprender os significados de outras que não fazem parte de seu vocabulário, para então usá-las com propriedade. (FAULSTICH, 2012, p. 2).

Assim, um glossário traria importante auxílio para o desenvolvimento de sinais regionais petropolitanos, pois os elementos lexicais, além de cumprirem importante papel para a comunicação, também são registros históricos da língua.

Como qualquer língua viva, a Libras está em constante mudança para adequar-se às diversas necessidades comunicativas da sociedade onde é utilizada. O significado dos sinais é passível de alterações, bem como pode ter seu uso ampliado ou restrito, de acordo com seu uso social, sendo o elo de ligação entre o contexto e a comunidade, ligado ao comportamento de seus usuários, “contribuindo para o aprofundamento da teoria linguística e para o aprimoramento de suas aplicações sociais na vida da comunidade surda” (LEITE; QUADROS, 2014, p. 16)

Cabe frisar que o registro dos sinais se dá através de fichas que serão posteriormente analisadas em suas relações linguísticas, históricas e culturais. Assim serão validadas, ou, se necessário, adequadas à gramática da Libras. Segundo Costa (2012):

É preciso verificar as situações e os contextos em que são produzidos os significados e reconhecê-los dentro do campo lexical, com a percepção da ideologia que gera a formação de sinais e palavras – essa metodologia é possível, conforme as principais teorias sobre o assunto (COSTA, 2012, p. 56).

Para o registro da Libras, Castro Júnior (2011) faz importante observação, já que se trata de uma língua independente da Língua Portuguesa.

Assim sendo, não se pode limitar a criação, a formação e a conceituação dos sinais apenas à forma ou a representação visual do sinal, é preciso analisar também a construção mental do signo para que a LSB seja caracterizada como uma língua de modalidade viso-espacial. Isto se dá porque essas línguas são independentes das línguas orais, pois foram produzidas dentro das comunidades surdas, com base na construção mental que os Surdos têm do mundo. (CASTRO JÚNIOR, 2011, p. 43).

Diante do exposto, fica claro que os cinco parâmetros da Libras auxiliam de forma importante o registro dos sinais, por sua característica viso-espacial, bem como a mudança de processos linguísticos na gramática da Libras, alcançando os níveis morfológico, sintático e semântico.

4. Toponímia em Libras

Segundo Dick (1990), a Toponímia é a área da linguística que vai embasar a nomeação, a descrição e a análise dos motivos de escolha de elementos geográficos. Essa ciência está localizada em um ponto de intersecção de diversas áreas do conhecimento, pois “a Toponímia é um imenso complexo línguo-cultural, em que os dados das demais ciências se interseccionam” (DICK, 1990, p. 36), no cruzamento entre a Linguística, a História, a Geografia e a Antropologia entre outras, onde os topônimos refletem o ambiente histórico, geográfico e temporal dos sujeitos nomeadores, refletindo as singularidades linguísticas e culturais tanto do indivíduo como daquela comunidade.

Os estudos linguísticos da Libras ainda estão no início, o que se estende às pesquisas toponímicas, pois, segundo Souza Jr. (2012), o processo de nomear nas línguas de sinais é diverso da forma como é feito nas línguas orais, pois essas geralmente recebem um nome imediato. Nas línguas sinalizadas isso não ocorre, na

maioria das vezes, pois os nomes próprios são transliterados através da datilologia, recebendo seu topônimo após a imersão cultural do sujeito surdo no contexto deste ambiente geográfico, que depois de ter sua pertinência validada, se solidifica junto à comunidade surda. Segundo Souza Jr. (2012):

As Línguas de Sinais apresentam uma maneira distinta de nomear, uma vez que o referente, nomeado em um sistema linguístico de modalidade oral/auditivo, recebe uma nova atribuição de natureza sinalizada. Alternativamente, um nome próprio, pode ser emprestado de uma língua oral para uma língua de sinais por meio de uso da transliteração do nome próprio pelo o alfabeto manual, também chamado datilológico. Contudo, geralmente um referente para um acidente geográfico (estado, cidade, país, bairro, rua etc.), ao ser incluído no cotidiano linguístico da comunidade surda, recebe um “sinal”, que correferência o indivíduo ou o lugar, em substituição ao nome próprio original e sua datilologia (SOUZA JR., 2012, p. 20).

O topônimo criado a partir daí é um signo linguístico arbitrário, não guardando semelhança com o objeto, não havendo relação óbvia entre o significante e o significado. Quanto à arbitrariedade do signo linguístico, Saussure (2006) coloca que: “O laço que une o significante ao significado é arbitrário⁷, ou então, visto que entendemos por signo o total resultante da associação de um significante com um significado, podemos dizer mais simplesmente: o signo linguístico é arbitrário” (SAUSSURE, 2006, p. 81). Assim, o sistema linguístico da Libras aceita os sinais arbitrários.

Este trabalho se concentra nos sinais toponímicos dos bairros de Petrópolis, analisando seus aspectos morfológicos e semânticos, na busca de compreender a motivação que levou as suas escolhas linguísticas. Seguindo a classificação de Sousa (2019), serão analisados quatro aspectos formativos dos topônimos, segundo as seguintes características da Libras:

Topônimo simples: quando o topônimo é representado apenas por um sinal.

Topônimo híbrido simples: o topônimo apresenta letras das línguas orais e é formado apenas por um sinal.

Topônimo composto: quando o topônimo é formado pela justaposição de dois sinais.

⁷ Isso ocorre tanto nas línguas orais como nas visuais-espaciais.

Topônimo híbrido composto: neste caso o topônimo é apresentada letras de línguas orais e é formado pela justaposição de dois sinais.

Essa pesquisa toponímica busca corroborar com a construção do seu arcabouço teórico-metodológico, além de demonstrar que as características onomásticas das línguas de sinais têm semelhança com das línguas orais, respeitando a história e a cultura surda. Concordamos com Souza Jr. (2012), de forma a demonstrar que, em relação à Libras, “suas características onomásticas são similares às das línguas orais, porém refletem traços da visão de mundo, história e cultura material e imaterial compartilhados pelos surdos.” (SOUZA Jr., 2012, p. 61).

Esse estudo toponímico em Libras relativo aos bairros de Petrópolis vai melhorar a comunicação, facilitando a vida dos surdos, a interação social nos ambientes por eles frequentados, bem como facilitar o trabalho de professores bilíngues e de intérpretes que atuam com o turismo em Petrópolis.

5. Metodologia: caminho de uma pesquisa em toponímia

Com característica de uma proposta metodológica qualitativa e participativa, que como Lima (2014) ressalta, inclui o pesquisador, foram entrevistados 98 surdos na Associação Petropolitana de Surdos (APES), que reúne a comunidade surda da cidade. A Pesquisa foi feita pessoalmente a fim de levantar o nome dos bairros de Petrópolis. Durante o levantamento, feito o seguinte questionamento: dos bairros pesquisados, quantos já tinham sinal e quantos ainda careciam de um sinal próprio? Para aqueles que não tinham um sinal, qual era a estratégia de identificação? Foram selecionados os 22 topônimos de Petrópolis. Em seguida, foi feito o levantamento toponímico dos mesmos, buscando sua historicidade, geografia, antropologia e aspectos culturais.

Dos sinais pesquisados, chegou-se ao seguinte resultado:

- 6 localidades, ou seja, o sinal da cidade de Petrópolis e de 5 bairros, já tinham sinal conhecido e utilizado pela comunidade surda;
- 16 bairros não tinham sinal.

A partir daí, foram criados os 16 sinais para os bairros que ainda não o tinham. A criação de sinais de Libras foi feita em quatro etapas:

1. Na etapa 1, foi feita a criação dos sinais-termos. Os surdos, sob a liderança de uma professora (surda) de Libras discutiram o contexto histórico e geográfico do bairro, procurando conhecer fatos que tivessem ligados ao local. Então, a professora criou sinais, apresentou aos surdos para colher a opinião dos mesmos, explicando os conceitos utilizados para sua elaboração.
2. Na etapa 2, foi feita a validação dos sinais criados com a aprovação da comunidade surda consultada, tendo os cinco parâmetros básicos na formação de um sinal em LIBRAS (Configuração de mão, Ponto de Articulação, Movimento, Orientação e Expressões facial e corporal – quadro com as configurações de mão figura 1) como referencial e sua estrutura gramatical, bem como a toponímia envolvida no sinal.
3. A etapa 3 consistiu em elaborar o registro dos 16 sinais validados através da elaboração de fichas de informação em português, explicando o contexto usado para os sinais-termo, com as seguintes informações: termo específico, tipos de formação (topônimo simples, híbrido simples, composto e híbrido composto), descrição e o link de acesso ao vídeo do sinal.
4. Na etapa 4, foi feito o arquivo visual, através de vídeos, com a explicação do contexto que levou a sua produção para futura criação de um site destinado a esse fim.

A pesquisa qualitativa foi útil para o presente trabalho, pois através dela pode-se avaliar o contexto no qual a elaboração dos sinais foi executada. Ela possibilitou entender a relevância histórica, cultural e geográfica dos bairros.

6. Resultado da análise dos dados

A pesquisa mostrou que dos 22 sinais-termos levantados, apenas cinco tinham sinal conhecido e 16 careciam da elaboração de um sinal que representasse a localidade de forma adequada, segundo o contexto histórico, cultural ou geográfico, obedecendo aos cinco parâmetros da Libras, bem como sua gramática, morfologia, sintaxe e semântica. Esse resultado tornou relevante a produção de novos sinais para bairros de

Petrópolis, tornando-se importante para auxiliar no esclarecimento dos conceitos científicos com abordagem visual.

Foram selecionados os 22 sinais-termos que se seguem: Alto de Serra, Araras, Bingen, Carangola, Cascatinha, Caxambu, Coronel Veiga, Corrêas, Duarte Silveira, Cremerie, Independência, Itaipava, Meio de Serra, Nogueira, Pedro do Rio, Petrópolis, Posse, Quitandinha, Retiro, Roseiral, Valparaíso e Vila Militar.

Os sinais foram organizados em uma tabela para melhor apresentar sua classificação (SOUSA, 2019) e a descrição do sinal produzido. Ademais, buscou-se inserir link do vídeo referente a cada sinal-termo.

Quadro 1 – Estrutura da formação dos sinais topônimos de Petrópolis

Termo específico	Tipos de formação	Descrição	Link do Youtube
 Alto de Serra	Topônimo híbrido simples	uma mão com a configuração em A (CM 1) (primeira letra do topônimo da língua oral) com o movimento sinuoso subindo, pois o bairro está situado na região serrana do Estado do Rio de Janeiro.	https://youtu.be/kNp7hLSZ-qw
 Araras	Topônimo Simples	uma mão com dedo indicador curvado (CM 12) em movimento semicircular no nariz (fazendo referência ao animal arara da língua nativa, abundante na região).	https://youtu.be/ueeqmQImf1Y
 Bingen	Topônimo híbrido simples	uma mão com a configuração em B (CM 53) (primeira letra do topônimo da língua oral) com o movimento lateral rápido de vai e vem.	https://youtu.be/t6XY88ok4Ww
 Carangola	Topônimo híbrido composto	uma mão com a configuração em C (CM 29) (primeira letra do topônimo da língua oral) parada, a outra com o movimento de folha sobre essa mão (língua nativa, referente a natureza exuberante do local).	https://youtu.be/NK1tJyj_W58

 <p>CASCATINHA</p> <p>Cascatinha</p>	<p>Topônimo híbrido composto</p>	<p>duas mãos com a configuração em C (CM 29) (primeira letra do topônimo da língua oral) com movimento retilíneo (fazendo referência a linha de trem que passava na região).</p>	<p>https://youtu.be/KGSTI7rJmkU</p>
 <p>CAXAMBU</p> <p>Caxambu</p>	<p>Topônimo híbrido Simples</p>	<p>uma mão com a configuração em C (CM 29) (primeira letra do topônimo da língua oral) parada, a outra com o movimento de cachoeira sobre essa mão (língua nativa, referente às cachoeiras presentes no local).</p>	<p>https://youtu.be/zOBI3u4Osa4</p>
 <p>CORONEL VEIGA</p> <p>Coronel Veiga</p>	<p>Topônimo híbrido Simples</p>	<p>uma mão com a configuração em C (CM 29) (primeira letra do topônimo da língua oral) parada, a outra com o movimento de rio dentro do C (língua nativa, referente aos constantes alagamentos que ocorrem naquela via).</p>	<p>https://youtu.be/yG2w-npAD1w</p>
 <p>CORRÊAS</p> <p>Corrêas</p>	<p>Topônimo híbrido Simples</p>	<p>uma mão com a configuração em C (CM 29) (primeira letra do topônimo da língua oral) com o movimento rápido de vai e vem.</p>	<p>https://youtu.be/wt9a84QGTkc</p>
 <p>CREMERIE</p> <p>Cremerie</p>	<p>Topônimo híbrido Composto</p>	<p>duas mãos com a configuração em C (CM 29) (primeira letra do topônimo da língua oral) com movimentos circulares alternados, como em pedalar (fazendo referência aos pedalinhas aquáticos do lago do Parque Cremerie).</p>	<p>https://youtu.be/rl-2M7wdsJw</p>
 <p>DUARTE SILVEIRA</p> <p>Duarte Silveira</p>	<p>Topônimo híbrido Composto</p>	<p>uma mão com dedo indicador (CM 14) no nariz com movimento para frente (na língua nativa o sinal de lixo) reminando com a configuração de mão em S (CM 7) (em referência ao depósito de lixo existente no lugar).</p>	<p>https://youtu.be/rl-2M7wdsJw</p>

 <p>Independência</p>	<p>Topônimo simples</p>	<p>uma mão com a configuração em CM 11 com o movimento saindo na altura da cintura do lado oposto (sinal nativo de Independência).</p>	<p>https://youtu.be/lmLpwk2LB04</p>
 <p>Itaipava</p>	<p>Topônimo híbrido Simples</p>	<p>uma mão com a configuração em I (CM 5) (primeira letra do topônimo da língua oral) com o movimento lateral rápido de vai e vem.</p>	<p>https://youtu.be/6QJNpirSDD0</p>
 <p>Meio da Serra</p>	<p>Topônimo híbrido Composto</p>	<p>uma mão com dedo indicador a outra em S em movimento retilíneo (o movimento é referente a língua nativa e a configuração de mão em S (CM 7) primeira letra do topônimo serra da língua oral).</p>	<p>https://youtu.be/cCyhntMGQ14</p>
 <p>Nogueira</p>	<p>Topônimo híbrido Composto</p>	<p>duas mãos com a configuração em N (CM 33) (primeira letra do topônimo da língua oral) com movimento retilíneo (fazendo referência a linha de trem que passava na região).</p>	<p>https://youtu.be/sw-q0A9JkXs</p>
 <p>Pedro do Rio</p>	<p>Topônimo composto</p>	<p>duas mãos na língua nativa o sinal de PEDRA + o sinal de RIO.</p>	<p>https://youtu.be/4x3jTosRgnY</p>
 <p>Petrópolis</p>	<p>Topônimo Composto</p>	<p>duas mãos na língua nativa com a configuração em 59, palmas das mãos viradas na direção do corpo, sinal realizado no espaço neutro com movimento descendente das mãos em rotação com os dedos levemente entrelaçados, com referência às rodas das carroças sobre a estrada de pedras.</p>	<p>https://youtu.be/TnIBrmys4-I</p>

 <p>Posse</p>	Topônimo simples	duas mãos com a configuração em B (CM 53) (língua nativa) sem movimento, com os dois braços cruzados na frente do peito, como em cancelado, (referente a ponte que existe na região).	https://youtu.be/440pKQsfDIg
 <p>Quitandinha</p>	Topônimo híbrido Simples	uma mão com a configuração em Q (CM 15) (primeira letra do topônimo da língua oral) com o movimento lateral rápido de vai e vem.	https://youtu.be/2dIV1S WtkvM
 <p>Retiro</p>	Topônimo híbrido Simples	uma mão com a configuração em R (CM 34) tocando no pescoço (em referência ao Fórum que está situado naquela região).	https://youtu.be/s0sYIfT TdUY
 <p>Roseiral</p>	Topônimo Simples	uma mão com a configuração em CM 30 no rosto abaixo da bochecha (sinal ROSA) (língua nativa – em referência a flor rosa).	https://youtu.be/MnQOJ x7Dt-Y
 <p>Valparaíso</p>	Topônimo híbrido Simples	uma mão com a configuração em V (CM 49) (primeira letra do topônimo da língua oral) com o movimento circular.	https://youtu.be/YpiEA1 3b7Jg
 <p>Vila Militar</p>	Topônimo Simples	uma mão com a configuração em U (CM 33) tocando a testa (na língua nativa o sinal de EXERCÍTO).	https://youtu.be/v5dMeH qIk9M

Fonte: a própria autora.

7. Avaliação

Atualmente, existem cerca de 22 sinais-termos já postados e ainda 43 a serem filmados e postados nos sinais elaborados. Durante o ano de 2021, foi elaborado um questionário de avaliação dos projetos que atendem a comunidade surda.

Foi distribuída uma ficha para os surdos, tanto jovens como adultos, incluindo os da terceira idade, a fim de avaliar:

- O grau de aceitação dos trabalhos;
- A satisfação com relação aos conteúdos apresentados e com a qualidade de apresentação;
- A possibilidade de acesso à internet e o interesse de acesso aos sites;
- Sugestões e críticas;
- Foram realizadas atividades práticas, onde os surdos recebiam frases que continham os sinais criados para avaliar seu entendimento, uso e entendimento do contexto;
- Após o contato inicial com o sinal-termo, os surdos demonstraram facilidade em reconhecê-lo nas vezes subsequentes de uso.

Os resultados foram bastante satisfatórios:

- Foi unânime a aceitação e satisfação pelos surdos;
- O índice de aprovação foi de 96%. Os surdos sentiram-se estimulados a utilizar os novos sinais-termos em seu cotidiano;
- Houve interesse, satisfação e estímulo por parte dos surdos a usar os sinais de bairros, além de aprovarem as postagens no *youtube*, com boa usabilidade e com conteúdo de fácil entendimento;
- Os surdos elogiaram a iniciativa e complementaram dizendo que a comunidade surda acessa quase diariamente o *site*, colaborando, assim, com a sua avaliação.

Conclusão

O presente artigo vem corroborar para a interação entre intérpretes, professores bilíngues e população em geral, especialmente a comunidade surda de Petrópolis, que

carecia de um registro sistemático dos sinais dos bairros. O desenvolvimento de sinais-terms aceitos pela comunidade possibilita a melhor comunicação e entendimento dos fatos referentes seu local de vivência. E quanto àqueles que transitam em torno da comunidade surda, professores bilíngues ouvintes e intérpretes, o presente trabalho trará importante ganho em relação à sua comunicação/interpretação.

A elaboração das fichas de registro dos topônimos contribuirá para uma futura dicionarização de sinais-terms, também possibilitará a percepção da mudança da Libras dentro da comunidade surda petropolitana, atuando como registro histórico dos sinais. McCleary (2008, p. 32-33) fala sobre a mudança lexical que, conforme a cultura se dinamiza e o conhecimento científico-tecnológico cresce, as línguas também mudam. De fato, fenômenos nada tranquilos para os que apresentam resistência, mas naturais e necessários para a mudança da língua. Fica claro que se forem observados os fenômenos indispensáveis: o conhecimento conceitual, gramatical e a experiência visual, os sinais já existentes devem sofrer alterações e novos sinais tornam-se necessários.

Referências

BERNARDINO, E. L. *Absurdo ou lógica. Os surdos e sua produção linguística*. Belo Horizonte: Profetizando Vida, 2000.

BRASIL. Ministério da Educação. *Lei 10.436, de 24 de abril de 2002*. Dispõe sobre a língua brasileira de sinais. Brasília, 2002.

_____. *Decreto 5626 de 22 de dezembro de 2005*.

BRITO, L. F. *Um estudo preliminar da estrutura sublexical da LSCB*. Primer Encuentro Latinoamericano de Investigadores de los lenguajes de Señas de los Sordos, Montrvideo, 1986.

_____. *Integração social do surdo*. In: *Trabalhos em Linguística Aplicada*, nº 7, p.13- 22, 1986.

_____. *Integração social e Educação de Surdos*. Rio de Janeiro: Babel Editora, 1993.

CAMPELLO, A. R.; PRATES, M. P. G.; ABREU, A. C. *Professores de Libras: Quem Ensina?* In: III Encontro Nacional dos Professores do Ensino Superior, UFU, Uberlândia. 2018, Anais, em prelo.

CASTRO JÚNIOR, G. de. *Projeto Varlibras*. 259f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade de Brasília, Brasília, 2014.

CAPOVILLA, F.C.; RAPHAEL, W.D. *A evolução nas abordagens à educação da criança surda: do oralismo à comunicação total, e desta ao bilinguismo*. Dicionário enciclopédico ilustrado trilingue da língua de sinais brasileira.V. 2. São Paulo: EDUSP, 2001, p. 1479-1490.

COSTA, M. R. *Proposta de modelo de enciclopédia visual bilíngue juvenil: enciclobras*. 2012. 151 f., il. Dissertação (Mestrado em Linguística), Universidade de Brasília, Brasília, 2012.

DICK, M. V. de P. *Toponímia e Antroponímia no Brasil*. Coletânea de Estudos. São Paulo, FFLCH/USP, 1990.

FAULSTICH, E. *Glossário de termos empregados nos estudos da Terminologia, da Lexicografia e da lexicologia*. Inédito, Centro de Estudos Lexicais e Terminológicos (Centro Lexterm). Brasília: UnB, 2012.

FAULSTICH, E. *Sinal-Termo. Nota lexical*. Centro Lexterm, 2014

FENEIS, Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos. *As comunidades surdas reivindicam seus direitos linguísticos*. Rio de Janeiro, 1993.

GESSER, A. *Libras? Que língua é essa? Crenças e preconceito em torno da língua de sinais e da realidade surda*. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

HESSEL, C. *O currículo de Língua de Sinais na Educação de surdos*. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Santa Catarina (2006). Disponível em: <<http://www.ges.ced.ufsc.br/carol.htm>>. Acesso em: 16 maio 2008.

LACERDA, C. B. F. *Um pouco da história das diferentes abordagens na educação dos surdos*. Cad. CEDES [online]. 1998, vol.19, n.46, pp. 68-80.

LEITE, T. A.; QUADROS, R. M. Estudos da Língua Brasileira de Sinais II. In: Stumpf, M. R.; Leite, T. A.; Quadros, R. M. (Orgs). *Línguas de sinais do Brasil: reflexões sobre o seu estatuto de risco e a importância da documentação*. Florianópolis, Editora Insular, 2014.

LIMA, V. L. S. *Língua de Sinais: proposta terminológica para a área de desenho arquitetônico*. Tese de Doutorado em Linguística aplicada. Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2014.

MACHADO, J. P. *Dicionário onomástico etimológico da língua portuguesa*. Lisboa: Horizonte/ Confluência; 2003.

McCLEARY, L. *Sociolinguística*. (Desenvolvimento de material ou instrucional – Curso de Letras – LIBRAS à distância. Desenvolvimento de material de didático). 2008.

QUADROS, R.M. *Educação de surdos: a aquisição da linguagem*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

QUADROS, R. M. *Língua de Sinais Brasileira*. São Paulo: Artmed Editora SA, 2004.

QUADROS, R.; KARNOPP, L. *Língua de sinais brasileira estudos linguísticos*. Porto Alegre: ARTMED, 2004.

QUADROS, R. M.; PIMENTA, N. *Curso de Libras I*. Rio de Janeiro: LIBRAS Vídeo, 2006.

SACKS, O. *Vendo vozes: uma viagem ao mundo dos surdos*. São Paulo: Cia das Letras, 1998.

SAUSSURE, F. de. 2006 [1916]. *Curso de Linguística Geral*. Cultrix: São Paulo.

SOUSA, A. M. *Toponímia em Libras*. Relatório (Pós-Doutorado – Linguística Aplicada/Libras) – Programa de Pós-Graduação em Linguística. Universidade Federal de Santa Catarina, UFSC, Florianópolis, 2019.

SOUZA JR, J. E. G. *Nomeação de lugares na língua de sinais brasileira: uma perspectiva de toponímia por sinais*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-graduação em Linguística. Universidade de Brasília – UnB. Brasília, 2012.

SILVEIRA, C. H. *O Currículo de Língua de Sinais na Educação de Surdos*. Dissertação de Mestrado. Florianópolis: UFSC, 2006. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/88699/236381.pdf?sequence=1>. Acesso em: 24 de abril de 2021.

SPERB, C. C. e LAGUNA, M.C.V. *Os sinalários na língua de sinais: como surgem os sinais?* Santa Catarina: 2010.

STROBEL, K. *As imagens do outro sobre a cultura surda*. Florianópolis: Editora da UFSC, 2008.